
“Na batida da concha”: Um olhar antropológico sobre homossexualidade masculina no interior do Rio Grande do Sul

*Guilherme Rodrigues Passamani**

Resumo: Este trabalho problematiza as práticas homossexuais de seis jovens homens com idades entre 18 e 25 anos, residentes em Santa Maria, pertencentes às classes médias. Os entrevistados vivem a experiência homossexual de maneira não “assumida”, ou seja, são jovens que têm desejos ou práticas sexuais homoeróticas, mas não se identificam publicamente como homossexuais. Os dados foram coletados através de uma pesquisa qualitativa, antropológica, iniciada com uma observação participante em bares e festas direcionadas ao público GLBTT e entrevistas gravadas. Em comum, além das práticas homoeróticas, e da situação sócio-econômica, os seis informantes são oriundos de cidades do interior do Rio Grande do Sul e apontam cenários de bastante repressão a sua sexualidade. As razões apontadas para tanto são a cultura familiar muito arraigada aos valores conservadores, sobretudo do tradicionalismo gaúcho, e à moral religiosa cristã.

Palavras-chave: Antropologia, Homossexualidade, Gauchismo.

Abstract: This work problematizes the homosexual practices of six young men aged between 18 and 25 years old, habitants of Santa Maria, from the middle class. The people who were interviewed live the homosexual experience in a non-assumed way, therefore, they are youngsters who have desires or sexual homoerotic practices, but don't identify themselves publically as homosexuals. The data were collected through a qualitative research anthropological, started by a participative observation at bars and parties directed to the GLBTT public and taped interviews. The six informers have in common, besides homoerotic practices and the social-economic situation, their origin from cities from the interior of the state of Rio Grande do Sul, and also the sample of scenes of considerable repression of their sexuality. The reasons pointed are the family culture, too attached to conservative values, especially the “gaúcho” traditionalism (from the state of Rio Grande do Sul) and the christian religious moral.

Keywords: Anthropology, Homosexuality, “gauchismo”.

Introdução

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa antropológica realizada ao longo dos anos de faculdade, com início do segundo semestre de 2002. Esta pesquisa resultou no Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais da UFSM, orientado pela Profa. Dra. Zulmira Newlands Borges. A expressão êmica “*Na batida da concha*” foi utilizada por um entrevistado, durante o trabalho de campo, para identificar um jovem recém chegado ao grupo em termos da sua orientação sexual.

* Cientista Social, Bolsista CAPES, Mestrando em Integração Latino-Americana na UFSM, RS, Brasil.

A sexualidade, após o grande *boom* causado pela epidemia de AIDS, começa a ser olhada mais atentamente pelas Ciências Sociais, especialmente, pela Antropologia. Dentro dos estudos de sexualidade, há uma gama, crescente, de pesquisas sobre homossexualidade em diferentes regiões do país. Noto, porém, que, grande parte destes estudos, dizem respeito a populações gays de grandes centros, via de regra, capitais e/ou regiões metropolitanas. Carecendo, portanto, um estudo sobre a homossexualidade em pequenos centros, pequenas localidades, principalmente, do interior do Rio Grande do Sul, onde, segundo minhas informações, um estudo nesse sentido era, até então, inexistente.

Logo, esse sentido de ineditismo da pesquisa foi uma motivação a mais, entretanto, por si só, não se sustenta. Nas primeiras idas a campo pude observar elementos que me causaram “estranhamento”, pois os primeiros homens jovens que contatei, buscavam aproximações homoeróticas, muitas vezes, pensando em mim como um possível parceiro, ao mesmo tempo em que apresentavam certa “aversão” a uma identidade homossexual e um forte preconceito com relação a “afeminados”, travestis, transexuais, dentre outros.

Um primeiro ponto que me pareceu pertinente foi a situação de “*closet*” que aqueles jovens pareciam estar vivendo. Tendo em vista que a maioria dos trabalhos que investigam homossexuais o fazem de uma dimensão mais “política” e militante em que há certo orgulho em ser gay, o grupo estudado apresentava-se como bastante peculiar por certa “vergonha em ser gay”, como algo que “não se escolhe” como algo que em algum momento “deu errado”.

Percebi que a cultura predominante no Rio Grande do Sul, qual seja, a cultura “gaúcha”, tinha um papel importante nesse cenário. Sabe-se que nas cidades menores há uma presença marcante desse tipo de culto ao “macho gaúcho”, vigorando certa lógica de enaltecimento aos valores construídos pelos “tradicionalistas” em torno da figura do “fiel representante” das gentes do sul, isto é, aquele “macho”, autônomo, viril, que domina e controla a natureza e não se submete a nada, nem mesmo a própria morte que como mostra Ondina Leal (1992) é procurada e enfrentada com dignidade e altivez.

1. Questões metodológicas

A homossexualidade é uma realidade historicamente construída e estabelecida. Algumas vezes encarada como prática perfeitamente recorrente, em outras, combatida como um mal abominável. Nos dias atuais, a homossexualidade adquire, em escala crescente, uma visibilidade muito grande, seja através de grupos ativistas das mais variadas correntes, ou através da mídia em geral.

Tento dialogar com uma população “invisível”, fora de quaisquer estatísticas e que experimenta a vivência de práticas homoeróticas através de um “pacto de segredo”. Conhecer as razões e implicações deste segredo pode ser uma chave para a compreensão de várias outras questões, como, por exemplo, a forma de convívio entre hetero e homossexuais, ou entre populações de grandes e pequenos centros.

A construção do campo foi bastante lenta e cheia de transformações. Quando das primeiras investigações, ainda em 2002 e 2003, fiz aproximações através do contato de amigos e salas de *bate-papo* virtual, em *sites* da Internet, em Santa Maria. Via de regra, o *site* utilizado era o *Terra* e o *MSN - Messenger*.

Destaco aqui, que o recurso dos *chats* foi bastante útil para conhecer novos contatos e estabelecer novos vínculos, minha primeira “inserção” em campo. Nessas salas de *bate-papo* foi que conheci os primeiros informantes para a pesquisa, dois dos quais, ainda foram entrevistados, outra vez, para o trabalho ora apresentado. Nos *sites* de *chats* do *Terra* não há, no *link* *ciudades*, uma sala exclusiva para o público gay. Todos dividem a mesma sala na rede.

Em um dado momento de minhas conversas na Internet, comecei a “teclar” com um jovem de 21 anos. Depois de alguns dias de contato virtual, o jovem, identificado pelo apelido de *Marco Antônio Bi*, contou-me sua história homossexual e me convidou para um encontro, sem que ao menos eu tivesse demonstrado interesse pelas práticas homoeróticas, ou mesmo, que eu tivesse assumido uma identidade gay. Rogério¹ demonstrou certo interesse, mas estava, preponderantemente, reticente. Contou-me, ainda, de um grupo de amigos, todos homossexuais, e prometeu voltar a me procurar.

Rogério aceitara me ajudar e me apresentar o seu grupo de amigos. Antes de me apresentar ao grupo, ele fez questão de me cobrar, enfaticamente, o anonimato completo deles. Tais garantias foram dadas, através de meu compromisso com os informantes, bem como com o bom desenrolar da pesquisa.

Era uma noite de sexta-feira, final de outubro de 2002, quando adentrei pela primeira vez na “Sociedade

¹ Rogério é o apelido que vou usar durante todo o trabalho para identificar esse entrevistado. Tivemos vários encontros entre 2002 e 2005, quando ele me dá a última entrevista.

do Apertamento”². O nervosismo sentido ao conhecer Rogério era, praticamente nenhum, perto do que senti aquela noite. Eram treze pessoas que eu nunca tinha visto e que estariam a minha espera, já que a visita fora anunciada por ele. Malinowski cita uma passagem que eu lembrei assim que cheguei em casa após aquele encontro:

Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. (...) Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar (...). Isso descreve exatamente minha iniciação na pesquisa de campo, no litoral da Nova Guiné (MALINOWSKI, 1984, p.19).

Eu, o “estrangeiro”, precisava desbravar o mundo dos “nativos”. Já passaram quase quatro anos deste dia, mas não esqueço o momento da porta abrindo-se e as pessoas todas, me olhando. Senti-me analisado nos mínimos detalhes, de cima a baixo, o que só colaborava para aumentar o meu constrangimento. Depois das desconfianças preliminares, o choque *esrangeiro-nativo*, as diferenças foram sendo vencidas.

O convívio com o grupo se deu entre setembro de 2002, quando conheci Rogério e dezembro de 2003 quando houve sua dissolução, devido a mudança de cidade e desentendimentos. Ao longo desse período, os encontros não foram seguidos. Para frequentar o grupo, eu ligava com antecedência, marcando uma hora ou um dia para fazer as visitas, ou mesmo, os informantes tinham a liberdade de me ligar quando desejassem.

Para a execução do Trabalho de Conclusão de Curso, decidi voltar a campo e entrevistar em profundidade algumas pessoas daquele grupo que vinha acompanhando já há algum tempo³. As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e julho de 2005 na cidade de Santa Maria. A peculiaridade desse último momento de pesquisa é que estes sujeitos não mais se organizam em um grupo específico.

Para chegar a seis entrevistas, conversei com, pelo menos, 20 pessoas. Dos seis entrevistados, dois faziam parte do grupo pesquisado anteriormente e são as entrevistas que vão nos remeter a utilizar os dados do trabalho de 2002 para construir um universo um pouco mais elaborado enquanto grupo, já que os demais se pulverizam em termos de homosociabilidade⁴.

Nesta etapa do campo, fiz a observação de dez festas em locais de frequência homossexual. A partir das observações consegui dois informantes. As outras duas pessoas me foram indicadas por estes dois jovens. Assim, o grupo para entrevistas estava formado.

Para dar conta do que detidamente apresentei acima, entendi necessária uma análise qualitativa, lançando mão do método etnográfico, com um intenso trabalho de campo, diário de campo e outras especificidades que são necessárias para uma empreitada desse porte.

Cláudia Fonseca afere que *a etnografia é calcada numa ciência, por excelência, do concreto. O ponto de partida deste método é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, “nativos em carne e osso”* (1999, p.59).

Através do método etnográfico torna-se fundamental o *ponto de vista do nativo*, conforme esclarecem Ceres Victora e Daniela Knauth, dando voz ao seu modo de operar a sua realidade específica, assim, ao pesquisador, no caso, o antropólogo, cabe analisar detidamente os aspectos da vida do grupo pesquisado (2000, p.53).

A entrevista, cujo roteiro teve uma prévia estruturação básica, não era fechada e dados novos surgiram a partir das falas dos entrevistados, o que enriqueceu o estudo. As conversas informais, a seu turno, foram um grande alimento do diário de campo.

O foco das entrevistas ou conversas informais era a trajetória sexual dos entrevistados, porque entendo, tal como, Maria Luiza Heilborn (1996), que a sexualidade é um aspecto muito importante na constituição da identidade, ou das identidades, bem como da subjetividade das pessoas. Não se trata de uma biografia, mas de uma retrospectiva das questões mais relevantes da vida sexual do entrevistado que dê as mínimas condições

² Essa “Sociedade do Apertamento” era uma referência ao apartamento pequeno onde os mais de 10 integrantes se reuniam. O grupo teve um máximo de 15 participantes e três anos de existência, segundo Rogério.

³ Este novo campo foi necessário porque os primeiros informantes não residiam, na maioria, mais em Santa Maria e não mantinham mais o grupo que eu estudara anteriormente. Logo, precisava de um outro campo.

⁴ Uso o termo homosociabilidade, bem como homosocial, ao longo do trabalho, no sentido de relações afetivas entre homossexuais, onde não há, necessariamente, as relações sexuais. Geralmente, esta denominação remete ao espaço de amizade dos informantes.

para uma análise, entretanto, são de certa forma, histórias de vida e relatos orais desses indivíduos.

Sobre o consentimento informado, é preciso esclarecer algumas questões. Desde as primeiras investidas em campo, soube da importância, da necessidade e relevância do consentimento informado para a elaboração da pesquisa. Contatei várias pessoas, mais de cinco, e elas em nenhum momento se prontificaram a assinar um termo de consentimento, porque não queriam explicitar sua identidade, mesmo que o documento fosse para sua própria segurança. Para Victora e Knauth, o consentimento informado:

Visa, fundamentalmente, resguardar o respeito às pessoas. Isso se dá através do reconhecimento da autonomia de cada indivíduo, garantindo a sua livre escolha após ter sido convenientemente esclarecido sobre as alternativas disponíveis. É, dessa forma, um procedimento mais abrangente do que a simples obtenção de uma assinatura em um documento de autorização (2000, p. 82).

O consentimento informado, entretanto, está além da assinatura de um termo é um processo de negociação em que esclarecimento e confiança fazem parte do processo de pesquisa. No desenvolvimento deste trabalho alguns informantes aceitaram participar do estudo mediante a devolução da fita gravada após a transcrição. As entrevistas transcritas foram lidas pelos informantes e pequenas correções foram feitas. Após a elaboração do trabalho, ficou também combinado o envio de uma cópia para cada informante, para terem conhecimento do que foi produzido a partir de seus depoimentos.

É lugar comum, que a neutralidade é lenda e que o conhecimento científico é profundamente ideológico. Uma pesquisa dessas, como tantas outras, envolve muitos riscos, “beber da boca do informante” é perigoso, por isso desconfiar do que está sendo dito é um caminho a ser seguido. Os “erros de percurso” são os que levam à experiência para fazer cada vez com mais atenção e empenho.

2. Da “fazenda” ao “mundo”

2.1 As cidades de origem

A sociedade atual, dos grandes centros e da aparente diversidade está em franca oposição ao mundo de onde partem os entrevistados desse trabalho. Eles fazem parte do mundo rural, da sociedade de interior, onde as transformações, talvez até comecem a chegar, mas estão longe de estabelecerem-se no mesmo ritmo dos grandes centros.

Os informantes são filhos de famílias tradicionais, famílias de classe média-alta, a maioria, de fazendeiros, uma elite do interior do Rio Grande do Sul. Quando falo nesse tipo de família uso o conceito *família patriarcal*, seguindo Eni de Mesquita Samara, para quem a família patriarcal era aquela na qual:

O chefe da família ou do grupo de parentes cuidava dos negócios e tinha, por princípio, preservar a linhagem e honra familiar, procurando exercer sua autoridade sobre a mulher, filhos e demais dependentes de sua influência. (...) esse modelo de estrutura familiar necessariamente enfatizava a autoridade do marido, relegando à esposa um papel mais restrito ao âmbito da família. (1986, p.12).

Nessas famílias o pai é “chefe”. É o olhar do pai, o chefe da fazenda, que molda o comportamento dos filhos e da esposa. Entretanto, o diálogo entre a ruralidade do interior e o urbano, de centros maiores, mais do que possível é necessário a fim de que se perceba a recorrência da influência de uma tradição ainda viva nas mentes, práticas, costumes e relações sociais do interior sul-rio-grandense, como destaca Leonardo.

Santa Maria é uma cidade pertencente à região central do Estado e de porte médio, por volta de 270 mil habitantes, que se transformou em um pólo receptor de jovens de todas as partes do Rio Grande do Sul e Brasil, por abrigar uma Universidade Federal. Assim, ela transita entre o rural e o urbano. Nesse cenário, urbano, mas com toques fortemente influenciados pelos pequenos “rincões” é que encontrei a possibilidade de estudar os “filhos gays da fazenda” em uma cidade “quase grande”.

Segundo Tau Golin (2004), apenas no século XVIII é organizada a ocupação da terra, que hoje se chama Rio Grande do Sul. A ocupação empreendida pelo Estado Colonial Absolutista deu-se através de um regime escravista de classes, onde a propriedade privada era o fundamento. Ruben Oliven (1992) argumenta que o modelo construído, quando se fala em “gaúcho” e sua realidade, é um modelo baseado em um passado supostamente existente na região pastoril do Estado, na chamada *Região da Campanha*, sudoeste do Rio Grande do Sul, bem como, nessa figura mitológica do “gaúcho”.

Para Leonardo (21 anos), outro informante, é inegável a recorrência do “gauchismo”. Esse seria um fato que recrudesceria o preconceito. Segundo o informante, a história do “gaúcho” é repleta de homens valentes, não existe nenhum deles que tenha sido homossexual. Assim reflete:

Gaúcho é tudo macho e anda por aqui comendo todas as mulheres encima do seu cavalo. A gente (gays) é o podre da raça. Eu sou assim, no fundo eu sou esse macho do interior também, eu sempre fui educado por essas cartilhas, mas em um momento da vida eu vi que era gay, é o que faz ao mesmo tempo, que sou vítima do preconceito, também discriminar os travestis, por exemplo. É da minha natureza. Não é voluntário (Leonardo, 21 anos).

Leonardo e os outros informantes concordam que a tradição histórica do Estado colabora para que o preconceito seja mais arraigado, porque essa mesma tradição trata de enaltecer os valores físicos do “centauro dos pampas”, moldando uma identidade para a população em geral, já que toda a identidade é relacional.

Segundo Medianeira Padoin (1999), a identidade regional de nosso Estado é produto de uma elite intelectual comprometida com o latifúndio, com a pecuária, com os militares e o caudilhismo, a fim de criar esse elemento que unificasse a cultura rio-grandense, embora existam inúmeros elementos heterogêneos em seu interior que são ignorados pela ideologia homogeneizante.

O “gauchismo” é recorrente no Rio Grande do Sul, transformado, reinventado, mas presente no cotidiano, inclusive, daqueles que não fazem parte desse movimento cultural. Por isso, entendo, ser relevante discutir homossexualidade no universo do “gauchismo”, porque as dicotomias e os paradoxos, ficam frente-a-frente. A homossexualidade, ao longo dos séculos, reuniu inimigos poderosos, talvez, lanço essa questão, nestes tempos, um destes inimigos possa ser o “gauchismo”.⁵

Entretanto, muitos estudos documentam a recorrência da homossexualidade no interior de inúmeras populações ao redor do Planeta, sem ser tratada com qualquer olhar discriminatório.⁶ Dennis Wernner mostra que na sociedade Kaluli da Nova Guiné, os pais escolhem um homem saudável para ter relações sexuais durante vários meses com seus filhos de onze a doze anos. Esse sexo é considerado como necessário para o desenvolvimento do rapaz. (1987, p 99).

Em *Tristes Trópicos* (1996), Lévi-Strauss relata as relações homossexuais entre os índios Nambiquara, em Rondônia, no norte do Brasil. Nessa tribo, o homem pode estabelecer relações poligâmicas. Essas premissas causam um desequilíbrio na tribo, já que os mais jovens não têm com quem casar. Os jovens ou ficam solteiros, ou atrelam-se com viúvas ou mulheres mais velhas rejeitadas por seus esposos. Uma solução foram as relações homossexuais, o chamado *tamindige kihandige*, amor-mentira.

2.2 Sexualidade e homossexualidade no interior do Rio Grande do Sul

As cidades de onde partem os informantes para viver em Santa Maria, são cidades em que se percebe, segundo eles, a clara imposição de um comportamento. Há uma demarcação das atitudes esperadas para um homem, um universo mais ou menos, semelhante ao descrito por Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina* (1999).

Tal como na sociedade mediterrânea descrita pelo sociólogo, no interior do Rio Grande do Sul, pelo menos nos espaços aos quais tive acesso através dos informantes, prevalece a diferenciação bastante nítida das funções de homem e de mulher e dos modelos de homem e de mulher, baseados na virilidade do primeiro e da candura e meiguice da segunda, onde o primeiro é o dominante e a segunda é a dominada.

No interior, como nas sociedades mais conservadoras, o destino dos filhos é traçado pelos pais, a fim de seguir uma tradição familiar. Leonardo (21 anos) diz que *quando dá errado, o cara vira gay*. Ele faz essa declaração em virtude, talvez, daquilo que Bourdieu discorre. Nesse sentido, os gays borrariam as demarcações tão claras dos papéis de homem e de mulher, ao inclinar-se afetiva e sexualmente para um parceiro de seu

⁵ Na Grécia Antiga, antes da era Cristã, o sexo e a verdade estavam ligados, segundo Foucault, através de uma pedagogia. A transmissão do conhecimento, acreditava-se, era feita pelo “corpo-a-corpo” de uma saber precioso. O sexo, nesse sentido, servia como suporte às iniciações do conhecimento (1988, p.61). O sexo com os rapazes na Grécia não só era aceito como incentivado. Ser cortejado por um homem era razão de satisfação e afirmação de qualidades. O jovem era visto como um objeto de prazer, talvez o único objeto honroso e legítimo dentre os parceiros masculinos do homem.

⁶ Entretanto, o preconceito contra a homossexualidade ainda é muito presente. Basta lembrar que no início dos anos 80, com o surgimento da AIDS, houve um significativo acirramento da discriminação, a ponto da AIDS ser intimamente associada à homossexualidade, segundo Veriano Terto Jr. (2002 p.148).

mesmo sexo.

A masculinidade enquanto configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero, conforme Conell (1995) atua como um vigilante na vida dos informantes, por essa razão durante o tempo que permaneceram em contato mais efetivo com a cidade de origem, esforçaram-se sobremaneira para ostentar e introjetar a masculinidade dominante, a partir de todas as questões destacadas acima, mas isso os violentava não física, mas simbolicamente.

Santa Maria representou uma ruptura, ou melhor, várias rupturas, dentre as quais, se destaca o distanciamento, pelo menos espacial, da família, a conquista de uma, aparente, liberdade, e a possibilidade de estar em uma cidade maior, mesmo que ainda estando em uma cidade de interior.

As declarações dos entrevistados mostram que eles se sentiam sufocados pelas suas cidades, onde as práticas homoeróticas não eram vistas com “bons olhos”. De posse dessa realidade, a transferência para Santa Maria foi um momento de mudança, mais que uma mudança de cidade, uma mudança de estrutura de relações. Foi um tempo novo, como relembra Rogério:

Cheguei em Santa Maria com 17 anos, super feliz, vida nova, mundo novo, tava pulando de faceiro. Ah, sem contar, que eu ia morar sozinho. Isso era muito bom. Ta, eu adoro meu pai e meus irmãos, mas eu cresci e quando a gente cresce tem que morar sozinho e longe de casa. Eu fui criado só pelo meu pai. Quando eu tinha sete anos a minha mãe morreu. Chegou a minha hora de ser feliz do meu jeito, longe de todo mundo (Rogério, 24 anos).

A fala de Rogério demonstra como uma história termina e como outra poderia começar. Como termina a vida e os contatos na cidade de origem, onde tudo é escondido, onde tudo é proibido e como começa a vida em um espaço novo, onde ele é novo, onde colegas, amigos e todas as relações são novas.

Mário Pecheny vê tais práticas como *identidades discretas*. Pecheny diz que a homossexualidade constitui um segredo fundante das relações pessoais dos homossexuais. A partir desse segredo, os grupos de amigos começam a se dissociar, ou seja, existem aqueles que sabem da homossexualidade, aqueles que não sabem e os demais homossexuais com os quais eles convivem (2004, p.16).

Para os entrevistados o mais importante em Santa Maria, após os primeiros contatos, era o segredo. A homossexualidade deveria permanecer em segredo entre eles e entre as pessoas com as quais eles se relacionavam. A necessidade do segredo no estabelecimento de relações entre gays e não gays sobre a sexualidade dos indivíduos estão fundadas na vontade de não fazer parte do grupo dos estigmatizados, conforme Goffman (1988).

O cuidado, os pactos, as relações de amizade mais duradouras, a confiança, o segredo, são elementos fundamentais para a construção de novas relações onde a homossexualidade não seja apenas uma realidade conhecida ao homossexual, mas à um círculo bem restrito de pessoas, onde a família, quase sempre, pelo menos nos casos por mim observados, permanece ausente, sendo comum apenas aos amigos saberem das vivências homossexuais.

Durante a primeira fase do trabalho de campo realizado nos anos de 2002 e 2003, contatei com a “Sociedade do Apertamento”, um grupo de amigos homossexuais, que foi base para minha pesquisa de então e que, agora, para a realização do Trabalho Final, consegui contatar com alguns de seus integrantes, Leonardo (21 anos) e Rogério (24 anos), que, prontamente, dispuseram-se a colaborar outra vez. Por outro lado, através das informações de Matheus (23 anos), tive acesso a uma outra experiência de espaço de homosociabilidade masculina onde o trânsito pelo circuito gay ocorria com maior frequência.

Rogério (24 anos) conta que depois de uma experiência não muito feliz no “mundo gay” de Santa Maria, passou a conhecer rapazes na Internet, nas salas de *chat*. Nesses espaços conheceu os amigos que formariam com ele a “Sociedade do Apertamento”.

Eles pensaram em reunir uma turma *fechada*, onde pudessem conversar e expressar sua sexualidade, desde que fosse dentro de casa, em sigilo, o que era fundamental. A “Sociedade do Apertamento” surge como um espaço homosocial, de caráter privado, em contraposição às identidades que poderiam ser adotadas em público.

Matheus, para fazer uma turma de amigos, entrou em um grupo de jovens da Igreja Católica ainda que não fosse religioso. O informante diz que achava tudo aquilo uma “palhaçada”. Ele percebeu que o grupo tinha vários gays, a princípio por dedução, depois por confirmação, através de laços de amizades formados.

Matheus destaca uma situação bastante peculiar do grupo. Segundo ele, quando viam alguém, um rapaz, na rua, ou nas festas particulares, que nem sempre eram frequentadas apenas por homossexuais, e desconfiavam

que ele fosse gay, para não chamar a atenção, isto é, para não falar abertamente sobre homossexualidade eles diziam que a *concha batia*, ou simplesmente batiam uma concha na mesa.

A expressão “*bater a concha*” ou a simples batida do talher, comunicava os demais que eles pensavam que determinado garoto fosse homossexual. Este era o sinal. Na noite, nos bares quando saiam, aquele que concordava com a afirmação batia uma colher.

Esta expressão “*êmica*” surgiu, segundo lembra o entrevistado, quando Matheus levou um amigo que não era gay e que não sabia de sua homossexualidade para uma janta com todos os amigos gays. O jantar transcorria normalmente quando um dos integrantes do grupo pegou a concha e disse discretamente: *mas é claro que eu bato a concha*. Depois, disse outra vez: *bate a concha mesmo*, apontando discretamente para o amigo de fora do grupo. Outros bateram as colheres, como que pedindo comida, mas na verdade estavam dizendo, através dos talheres, que o convidado era gay.

3. Homem com homem é lobisomem?

3.1 Uma questão essencial?

Quando os entrevistados estavam contando suas trajetórias, todos voltavam à infância, por volta dos dez anos, para dizer que desde então se percebiam meio “estranhos” e “diferentes”. É na infância que eles reconhecem os primeiros sinais de uma “futura homossexualidade”, em brincadeiras aparentemente inocentes com os “amiguinhos”, no não interesse pelas meninas, ou mesmo nas amizades muito fortes com outros meninos, que acabaram transformando-se em paixões juvenis. Leonardo conta:

(...) eu comecei a ficar meio cabreiro, porque eu gostava de um homem, sabe? Tipo, um guri. Mas eu gostava de estar junto com ele sempre, todas as horas, a gente jogava bola, ia às festas, enfim... achei que depois que eu ficasse grande ia passar essa coisa, podia ser uma amizade muito forte, mas eu tinha mais que amizade, eu tinha tesão (...) (Leonardo, 21 anos).

Eles relacionaram-se com meninas, mas alimentavam, secretamente, alguns desejos por colegas da escola, vizinhos um pouco mais velhos ou amigos. Concluem que sempre foram “meio diferentes”, seja por serem alheios aos esportes, por serem mais gentis, mais educados, mais sensíveis. E tais posturas explicariam ou fundariam a homossexualidade em suas vidas.

Os discursos nas Ciências Sociais são muito variados a esse respeito. O debate teórico tem sido travado entre duas posições antagônicas: o essencialismo e o construtivismo social. Heilborn destaca:

No primeiro há uma oposição simples entre as duas perspectivas; no segundo incluem-se variantes entre as diferentes modalidades de conceber o construtivismo social. (...) nas trincheiras do essencialismo viceja a convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual, que conduz as ações. (...) O construtivismo social reúne abordagens que buscam problematizar a universalidade deste instinto sexual (1999, p.09).

Heilborn esclarece que pelo modelo essencialista a sexualidade mantém-se refém de um mecanismo fisiológico determinado a perpetuar a espécie e intimamente ligado ao “gozo”. A sexualidade restringe-se ao ato sexual e ao fisiológico, nesta ótica. Essa é uma visão recorrente entre as áreas médicas. Já as observações a partir do olhar do construtivismo social permite perceber que existem dimensões culturais específicas para a sexualidade e aí agrupam-se uma série de mecanismos desenvolvidos pelos homens que, as vezes, não estão ligados à reprodução, mas aos desejos e ao prazer.

A opinião dos entrevistados em atribuírem à homossexualidade um caráter inato, essencialista, filia-se ao discurso dominante, biomédico, que durante muito tempo respondeu a todas as questões relativas à sexualidade, entretanto, esse modelo se esgota e não consegue responder mais às múltiplas sexualidades. Todavia, pensar a homossexualidade de maneira essencialista, retira do homossexual a culpa “moral” de ser “sem vergonha” e desviante.

3.2 Homossexualidade: algumas reflexões

Edward MacRae fala que *quando se pensa em uma população homossexual é necessário lembrar que*

essa população não é homogênea nem na sua preferência sexual nem em sua vivência (1990, p.40). A partir desta compreensão, Rogério (24 anos) destaca que o preconceito contra a homossexualidade pode ser em razão de ser uma categoria tão variada. Existem desde travestis até “saradões”⁷ de academia. Ele diz tratar-se de uma categoria heterogênea, mas homogeneizada pela sociedade.

Os entrevistados tentam, de maneira geral, mostrar que ser homossexual é ser como qualquer pessoa. O problema, segundo eles, não é ser homossexual, mas é ser homossexual afeminado o que, hodiernamente, faz com que o preconceito vire escracho, deboche, piada. Por isso, faz-se necessário adotar o “pacto do segredo”, do “sigilo” quanto à homossexualidade, afim de não ser vítima do preconceito direto. Segundo MacRae:

(...) a necessidade sentida em muitas ocasiões da vida cotidiana em adotar a prática enrustida para evitar vexames ou perseguições é justamente percebida por muitos homossexuais como uma opressão. O fato de que os heterossexuais não estariam sujeitos a ela da mesma forma configurava então uma condição de discriminação. (1990, p.293)

Logo, o gay, mesmo “enrustido”, está sujeito à discriminação, porque adotar a prática “enrustida” já é estar diferenciando-se e anulando-se para não receber o preconceito diretamente.

Percebe-se, não obstante as várias transformações em curso, um recrudescimento do preconceito, porque ainda existe, nas palavras de Lévi-Strauss, uma recusa *de admitir o próprio fato da diversidade cultural; preferimos lançar fora da cultura, na natureza, tudo o que não se conforma à norma sob a qual se vive* (1993 p.334).

Assumir-se publicamente, então, é encarado pelos informantes como desnecessário, pode ler-se essa assertiva, como uma estratégia de tentar burlar o preconceito, isto é, você concebe-se gay, mas não o faz publicamente, já que no espaço público é onde a discriminação é mais efetiva. Sem contar que, segundo os informantes, não haveria uma mudança significativa ao empreender tal processo, “não ganhariam nada com isso”.

Adam Kuper vai dizer que assumir uma identidade de minoria, como a homossexual, a negra, a feminista, é expor-se, porque automaticamente a sociedade espera que suas práticas sejam as práticas de um ativista, de um determinado estereótipo. Mas nem todos aqueles que se assumem homossexuais são pertencentes a uma causa, ou mesmo, filiados ao mesmo estereótipo. Kuper salienta que (...) *ao se declarar homossexual (...) a pessoa descobre que a sociedade espera que ela corresponda a expectativas rígidas sobre sua própria maneira de se comportar* (2002, p.299).

Na cultura brasileira, segundo Peter Fry (1985), é nítida a diferenciação de papéis sociais e sexuais de “machos” e “bichas”. O “macho” pode até se relacionar com a “bicha”, mas ele tem que ser o “ativo” da relação e, geralmente, esse “macho” tem relações heterossexuais freqüentes. “Comer” a “bicha”, ao contrário de depreciativo, seria uma afirmação de sua masculinidade. À “bicha”, obrigatoriamente, pelas imposições culturais, sobrava “dar” para os “machos”, ou seja, ser o “passivo” da situação, assemelhando-se ao papel executado pela mulher e sendo razão de depreciação.

Como destaquei, no Brasil, há uma demarcação muito rígida dos comportamentos de homens e mulheres. No Rio Grande do Sul, conforme recolhido, essa assertiva é corroborada. Essa pode parecer uma questão menor, mas não é. É o começo da formação universos simbólicos bem delimitados.

O “gaúcho” leva tão a sério o culto a sua virilidade e masculinidade, determinando, tão claramente estes espaços, que a suposta perda da masculinidade deve ser paga com a morte, ou seja, através do suicídio, como destaca Ondina Leal (1992). O “gaúcho” oferece um derradeiro ato de bravura e coragem. Leal diz que *masculinidade, honra e liberdade estão claramente presentes no discurso gaúcho a respeito da morte* (1992, p.142). A decisão pelo suicídio é um ato de coragem masculina, porque pior do que a morte é ser *passivo e submisso* em vida, tal como são as mulheres.

3.3 Questões contemporâneas

São muitas as questões contemporâneas que envolvem a homossexualidade, dada a diversidade que falei

⁷ Os “saradões” são os homens que freqüentemente estão nas academias e mantém o corpo em forma, com horas e horas de malhação, não são especificamente gays. Quando Rogério se refere aos “saradões” de academia, está dizendo que esse é um grupo onde também existem gays. Os “saradões-gays” são o que há um tempo era chamado de barbies.

acima, entretanto o preconceito regenera-se e mostra-se em formas apuradas. Adriana Vianna e Paula Lacerda denunciam a violência contra a homossexualidade como uma recorrência e a necessidade de enfrentamento dessa situação através da reivindicação, organizada, de direitos (2004).

Sérgio Carrara, por exemplo, faz um estudo sobre os assassinatos de homossexuais e a morosidade e descaso da justiça ao tratar de tais casos. Nesses eventos destacados por Carrara no Rio de Janeiro dos anos oitenta, as vítimas são mortas com requintes de crueldade e expostas a situações humilhantes. Geralmente são mortas por garotos de programa, ao que tudo indica (2004, p.365-383).

Para tentar minorar situações como esta é que está em tramitação uma série de Leis tanto municipais, como estaduais e federais que buscam defender os homossexuais e lhes garantir uma série de direitos, historicamente, reivindicados. Em várias cidades do país e em alguns estados essa legislação já entrou em vigor. Ao contrário dos demais informantes Rogério se posiciona de forma crítica às leis que amparam os homossexuais. Conforme justifica:

Eu não quero que tenha lei que me assegure. Eu quero é consciência das pessoas. A lei é a repressão. A consciência é libertação. De que adianta a lei, se as pessoas seguem te odiando. A lei é bobagem. Pode ser um avanço. Será que é um avanço? As pessoas só não vão discriminar porque elas podem ser punidas, não porque elas respeitem (Rogério, 24 anos).

As declarações de Rogério apelam para uma mudança de consciência, conforme argumenta. Essa mudança, no entanto, já é percebida, mesmo que ainda bastante preliminar, pelos demais informantes. Entretanto, Rogério sente-se ainda mais discriminado ao ter que apelar para uma lei para ser respeitado. Para isso, ele argumenta que teria de andar, permanentemente, *com os códigos embaixo do braço*, para defender-se da homofobia.

A homossexualidade ganhou espaço nas mídias em geral. Entretanto, os entrevistados concluem que na maioria das vezes, ainda é associado ao gay o estereótipo que não representa a diversidade existente entre os homossexuais.

Rogério e Murilo têm muitas críticas às manifestações públicas dos homossexuais, tais como as *Paradas do Orgulho GLBT*. Eles observam nesses eventos, não atos políticos, de luta por direitos, uma festa *saudável* da diversidade. Murilo diz que as Paradas são “reuniões de gays para sexo”. Essa opinião é compartilhada por Rogério que se questiona a respeito dos avanços conseguidos com o evento: *Avanços? Quais? O direito de andar de mãos dadas e de se beijar em público um dia, no meio do Parque? Na Paulista? Isso é migalha. Eu não gosto de migalha*. Segundo ele, não há uma conscientização nem dos próprios gays.

Os entrevistados olham com olhos muito críticos essas práticas porque em seus olhos não está apenas a sua visão, mas a visão de uma sociedade educada por uma moralidade cristã monogâmica, interiorana “gaúcha” e por mais que haja a tentativa de um afastamento, esses elementos continuam introjetados nas mais profundas *estruturas mentais* dos indivíduos o que lhes faz serem tão tácitos nas críticas a esses eventos, percebendo deles, apenas o que há de menos politicamente correto.

Vive-se um tempo multifacetado, um tempo de diversidade, em que é preciso aprender a viver e conviver com ela, onde a diversidade precisa de fato instaurar-se. Não se deseja o passado, onde, por exemplo, os nazistas marcavam os homossexuais com um triângulo rosa. Muitos ainda hoje, segundo Marcos Rolim, *erguem em torno da homossexualidade um universo concentracionário distinto, mas igualmente intolerável. O triângulo rosa desapareceu das vestes, mas ainda persiste o ódio recalcado dos algozes e o silêncio ensurdecido de muitos homossexuais* (2005).

Considerações finais

Detidamente, ao longo das páginas, contei uma estória de vidas reais, de pelo menos seis vidas reais. Conheci, de maneira mais detida, através dessa pesquisa, o universo do interior do Rio Grande do Sul, que me parecia, ainda, tão estranho. O conheci, ou o percebi, pela lente de dois olhares, o olhar de meus informantes e o olhar dos estudiosos, a partir de então, através de minha subjetividade, tentei formar algo que abarcasse essa diversidade de olhares.

Olhares que mostraram uma sociedade “gaúcha” ainda presa ao mito de um “homem a cavalo”, tentando fazê-lo seu herói mais valente, mais homem e mais “macho”. Impondo-lhe valores e características mitológicas, que o fazia um ser maior que a condição humana.

Esse ambiente de repulsa à homossexualidade fez com que os informantes construíssem uma vivência

homossexual diferenciada das vivências homossexuais mais comuns, isto é, afastando-se dos ambientes de frequência gay e daqueles gays mais “afeminados”. Não é tão problemático, para eles, ser homossexual, mas é por demais constrangedor ser considerado homossexual “afeminado”.

A partir dessa tentativa de fugir de um suposto estereótipo é que se estabelecem as relações, as práticas e, inclusive, a caracterização de uma personalidade. É recorrente nas entrevistas, e destaquei isso no trabalho, a constante crítica ao “gauchismo” por reeditar valores machistas e preconceituosos, em certo ponto, bitolados, estabelecendo normas de comportamento e normas de verdade para a ação dos homens do sul. Todavia, os informantes, em algum momento, ensinados pelas cartilhas “gauchescas”, incorporam esse discurso machista e o aplicam a suas relações homossexuais.

Há possibilidades para a inclusão da homossexualidade e quebra de hegemonia do preconceito? São perguntas audaciosas, cujas respostas, no máximo, podem ser parciais. Hipóteses podem ser lançadas e não vou me privar disso, porque entendo que essa também é uma missão do Cientista Social, mais do que estar em campo, retirando dados, é preciso propor alternativas.

Boaventura de Sousa Santos acredita que vivamos um tempo de constantes mudanças, mudanças que não são novidade. A única novidade é a rapidez com que elas se concretizam. Boaventura diz que o paradigma cartesiano-positivista está em crise e propõe um novo modelo, o que ele chama de *paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente* (2000, p.74). Este novo paradigma proposto por Boaventura é o paradigma do conhecimento-emancipação, em oposição, ou substituição, ao conhecimento-regulação, dominante até nossos dias. Como um utópico contemporâneo, Boaventura nos diz que é preciso reinventar o futuro, abrir um novo horizonte de possibilidades, com alternativas radicais de transformação (2003).

Humberto Maturana, a seu turno, em *Emoções e Linguagem na Educação e na Política* (1998), nos presenteia com uma nova utopia, no mesmo sentido de Boaventura, através de um encontro conosco mesmo para que possamos nos reencontrar com os outros. Maturana tenta edificar um novo olhar para o mundo pela lógica do amor, a emoção capaz de agir em todas as pessoas e capaz de conviver e respeitar o outro como legítimo dentro das relações sociais. Um outro igual, mas diferente. Igual porque gente, mas diferente porque humano dotado de uma individualidade que merece e precisa ser respeitada.

É preciso discutir a questão sim, esgotá-la não. Lanço apenas questionamentos, alcançáveis na medida em que o comprometimento for espraçado por todos os setores da sociedade a fim de edificar, de maneira plena, um espaço inclusivo e cidadão. De forma que vida vá além, bem além, das práticas sexuais. Assim, sei que podem esgotar os conceitos, porque eles ainda são limitados. Na falta dos conceitos, segue-se com a utopia, até então, infinita, ao lembrar Boaventura.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CARRARA, Sérgio. “As vítimas do desejo”: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos anos 1980. In. PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; Carrara, Sérgio (orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- CONNEL, Robert W. “Políticas da masculinidade”. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n.º 2, jul./dez., 1995
- FONSECA, Cláudia. “Quando casa caso Não é um caso: pesquisa etnográfica e educação”. In. **Revista Brasileira de Educação**. N. 10. São Paulo: ANPED, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FRY, Peter. MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma** - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLIN, Tau. **Identidades**. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. “Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social”. In. PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria. **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: 1996.

_____. “Introdução: Ciências Sociais e sexualidade”. In. HEILBORN, M.L. (org.) **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

KUPPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUCS, 2002.

LEAL, Ondina Fachel. “Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha”. In. ORO, Ari Pedro e TEIXEIRA, Sérgio Alves (coords.). **Brasil & França: ensaios de Antropologia Social**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

_____. **Tristes Trópicos**. São Paulo. Companhia das Letras: 1996.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. Campinas: EDUNICAMP, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos dos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

PADOIN, Maria Medianeira. “Cultura Rio-Grandense: o gaúcho e a identidade regional”. In. **Rio Grande do Sul: quatro séculos de História**. QUEVEDO, Júlio (org.). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

PECHENY, Mario. “Identidades Discretas”. In. RIOS, L.F; ALMEIDA, V; PARKER, R; PIMENTA, C; TERTO JR, V. (orgs.) **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. Vol. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2003.

VIANNA, Adriana; LACERDA, Paula. **Direitos e políticas sexuais no Brasil: mapeamento e diagnóstico**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.

VICTORA, Ceres, KNAUTH, Daniela Riva e HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WERNER, Dennis. **Uma introdução às culturas humanas: comida, sexo, magia e outros assuntos antropológicos**. Petrópolis: Vozes, 1987.